

# O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA  
MARISTELA CARNEIRO  
(ORGANIZADORAS)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019



# O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA  
MARISTELA CARNEIRO  
(ORGANIZADORAS)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019



2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### Conselho Editorial

#### Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
B823	<p>O Brasil dimensionado pela história [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-823-6 DOI 10.22533/at.ed.236190312</p> <p>1. Brasil – História. 2. Brasil – Fronteiras. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 981.65</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## APRESENTAÇÃO

O Brasil, como qualquer outro país, é produto de conflitos, tensões e representações. Ao mesmo tempo uma imposição de condições circunstanciais e da assimilação de discursos internalizados, o Brasil existe na mente de seus habitantes como uma abstração, uma identidade coletiva, antes de se colocar como uma linha mais coerente de ideias encadeadas. Um recorte geográfico gigantesco. Uma economia complexa. Uma emblemática coleção de territórios, paisagens emocionais, panoramas urbanos. Uma frustrante cadeia de problemas políticos, sociais e ecológicos. Uma história. Múltiplas histórias.

Pois todos os fios das lutas e idiossincrasias que unem para constituir a trama deste país, um quadro complexo, variado e repleto de contradições, não podem ser compreendidos senão como produtos e signos dos contextos históricos em que nasceram. A história oferece um conjunto único de lentes, que nos permite detectar e apreciar os intrincados desenhos que compõem essa rica trama. A história permite dimensionar (e tensionar) diferentes bases, possibilitando outros olhares e enquadramentos, que complexificam as narrativas que contam e ressignificam o próprio conceito de Brasil.

Economia. Política. Arte. Religião. Educação. Campos de ação que fracionam a experiência humana em unidades compreensíveis e manuseáveis, produzindo especialidades e, mais importante, especificidades. Pela mirada da história podemos vislumbrar cada um destes recortes por intermédio das trajetórias descritas e geradas pelos mesmos, permitindo-nos melhor apreciar as facetas e dimensões deste país. Diferentes campos convergem para construir uma narrativa que auxilie na construção da identidade brasileira, a qual encontra na história um horizonte orientador para suas lutas e desafios. Aqui, a história se torna a pedra de toque para a leitura de diferentes problemáticas, que em última análise se propõem a medir os impactos das ações humanas no tempo e, também, construir um futuro mais humano e com mais acertos.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Maristela Carneiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CONSTRUÇÃO DA CIDADE E DO PATRIMÔNIO TERRITORIAL NA AMÉRICA PORTUGUESA	
Wagner Cavalheiro	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903121	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
PATRIMÔNIO: ESPAÇO DIDATIZADO – CASO DO INSTITUTO BRUNO SEGALLA, CAXIAS DO SUL	
Paloma Lava	
DOI 10.22533/at.ed.2361903122	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
O PATRIMÔNIO TERRITORIAL PÚBLICO E OS REGISTROS DOCUMENTAIS	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903123	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
SERRA NEGRA DO NORTE/RN – BERÇO DE UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL-NATURAL ADORMECIDO	
Rita de Cássia Dantas de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903124	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
IDENTIDADE E LUGARES DE MEMÓRIA: UMA REFLEXÃO SOBRE OS MONTES GUARARAPES	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.2361903125	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>53</b>
ARQUIVOS, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA: OS BENEFÍCIOS E OBSTÁCULOS DESSAS APROXIMAÇÕES	
Railane Antunes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903126	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
NO LINEAR DA PRIMEIRA REPÚBLICA A LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL DE MINAS GERAIS (1906–24), O PAPEL DO INSPETOR E DIRETOR	
Sandra Maria de Oliveira	
Betânia Oliveira Larteza Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.2361903127	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>84</b>
A QUESTÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DE INTERVENÇÕES DO COTIDIANO	
O MONUMENTO ÀS BANDEIRAS E O PÁTIO DA CRUZ	
Editon Mioshi Arakawa Barretto	
DOI 10.22533/at.ed.2361903128	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>97</b>
ENSINO DE HISTÓRIA E A PRESENÇA NEGRA NOS TRÓPICOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM O CONTO A BOTIJA DE OURO	
Atenor Junior Pinto dos Santos Marcos Ferreira Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2361903129</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>107</b>
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: OS ARQUIVOS ESCOLARES COMO POSSIBILIDADE DE PRESERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS	
Vanessa Campos Mariano Ruckstadter Janete Leiko Tanno Flávio Massami Martins Ruckstadter	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>118</b>
HISTÓRIA E MEMÓRIA DA CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER: A ENTREVISTA COMPREENSIVA E AS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS DOS DISCURSOS DE MULHERES EDUCADORAS	
Roselia Cristina de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>133</b>
ASPECTOS DA HISTÓRIA DAS CRECHES NA CIDADE DE MARÍLIA/SP, BRASIL: 1940-1997	
Josiane de Moura Dias Marquizeli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>141</b>
A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: UM BREVE PANORAMA DOS TRABALHOS REALIZADOS EM IJUÍ/RS	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>148</b>
BRASIL E ÁFRICA DO SUL NO CONTEXTO DO APARTHEID: RELAÇÕES E RUPTURAS	
Mariana Schlickmann	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031214</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
ARQUITETURAS DE USO MISTO EM MACAÚBAS, ALTO SERTÃO BAIANO: SISTEMAS CONSTRUTIVOS, PRÁTICAS DE MORAR E TRABALHAR	
José Antônio de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>174</b>
HISTÓRIA DA SECA, DA FÉ E DO NORDESTE CANTADA PELO REI DO BAIÃO	
Romero de Albuquerque Maranhão Norberto Stori	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031216</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>183</b>
A PAISAGEM AMBIENTAL DE CUBATÃO NAS OBRAS DE NORBERTO STORI	
<a href="#">Romero de Albuquerque Maranhão</a>	
<a href="#">Norberto Stori</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>192</b>
“A PROPRIEDADE PRIVADA É SAGRADA E PONTO FINAL”: A FALA DO PRESIDENTE BOLSONARO AOS RURALISTAS E A VIOLÊNCIA NO CAMPO	
<a href="#">Francivaldo Alves Nunes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>200</b>
REPRESENTAÇÕES DO JORNAL <i>O GLOBO</i> SOBRE O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE LEONEL BRIZOLA (1979-1980)	
<a href="#">Marcelo Marcon</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>211</b>
A QUESTÃO CHRISTIE (1861-1863) E O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE O BRASIL E A GRÃ-BRETANHA: ECOS NA IMPRENSA, NA PINTURA, NO TEATRO E NA NARRATIVA <i>O DONATIVO DO CAPITÃO SILVESTRE</i> (1893), DO PARAENSE INGLÊS DE SOUSA	
<a href="#">Denise Rocha</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>227</b>
O HOMEM QUE CRIOU SHERLOCK HOLMES: ARTHUR CONAN DOYLE ENTRE AS CIÊNCIAS E A LITERATURA	
<a href="#">Jarbas de Mesquita Neto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>237</b>
ESTÉTICA NEGRA E DESCOLONIZAÇÃO DA IMAGEM NO CINEMA NEGRO DE SPIKE LEE E ZÓZIMO BULBUL	
<a href="#">Jéfferson Luiz da Silva Monteiro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031222</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>248</b>
CONSONÂNCIAS METODOLÓGICAS NAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA DO CHORO	
<a href="#">Denis Wan-Dick Corbi</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>260</b>
DOS POBRES CAVALEIROS DE CRISTO À IGREJA DE SATÃ - AS RESSIGNIFICAÇÕES DO BAPHOMET	
<a href="#">Lívia Mota Magalhães</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031224</b>	



<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>271</b>
KUÑANGUE ATY GUASU ENTRE RITUAIS: A RESISTÊNCIA DAS MULHERES KAIOWÁ E GUARANI NO MS	
<a href="#">Marlene Ricardi de Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031225</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>279</b>
O SILENCIO SOBRE AS AFETIVIDADES FEMININAS: ESCRAVIDÃO, GÊNERO E CORPO NO MARANHÃO COLONIAL	
<a href="#">Nila Michele Bastos Santos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031226</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>293</b>
UM OLHAR SOBRE O URBANO NO BRASIL COLONIAL: IRMANDADES DE NEGROS E ESPACIALIDADE DA POPULAÇÃO ESCRAVA	
<a href="#">Valter Luiz de Macedo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031227</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>305</b>
O VITALISMO E AS ORIGENS DA FISILOGIA MODERNA	
<a href="#">Jarbas de Mesquita Neto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031228</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>317</b>
RECOLHIMENTO DOS POBRES DO PÃO DO SANTO ANTÔNIO: POBREZA E ASSISTÊNCIA EM DIAMANTINA, 1901-1910	
<a href="#">Paula Afonso de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031229</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>330</b>
REDES CEREBRAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA	
<a href="#">Valeria Portugal</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031230</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>336</b>
RESPONSABILIDADE EMPRESARIAL EM GRAVES VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS NA DITADURA CIVIL -MILITAR: CASO VOLKSWAGEN DE SÃO BERNARDO DO CAMPO NO INQUÉRITO CIVIL-PÚBLICO DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL	
<a href="#">Nicole Naomi Handa Nomura</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031231</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>341</b>
SEMEANDO AGROECOLOGIA NO TERRITÓRIO MENTAL, CONTRA A MONOCULTURA DA MENTE	
<a href="#">Mônica Chiffolleau</a>	
<a href="#">Juliana Dias</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031232</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>348</b>
SÓSMACOS: O MODERNISMO VISTO PELO LADO DE CÁ	
<a href="#">Nelson de Jesus Teixeira Júnior</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031233</b>	

<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>356</b>
TEM PEOA NO PANTANAL? SIM! NO UNIVERSO LABORAL MASCULINO HÁ ESPAÇO PARA A MULHER	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Juliana Cristina Ribeiro da Silva</li> <li>Sabrina Sales Araújo</li> <li>Patrícia Helena Mirandola Garcia</li> </ul>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031234</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>368</b>
O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Vera Maria Ferreira Rodrigues</li> <li>Regina Maria Macedo Costa Dantas</li> </ul>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031235</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>374</b>
O INSTITUTO DE MATEMÁTICA PURA E APLICADA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSOLIDAÇÃO DA MATEMÁTICA COMO CAMPO CIENTÍFICO NO BRASIL	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Valessa Leal Lessa de Sá Pinto</li> <li>Angelo Santos Siqueira</li> <li>Abel Rodolfo Garcia Lozano</li> <li>Sérgio Ricardo Pereira de Mattos</li> <li>Jhoab Pessoa de Negreiros</li> <li>Tereza Luzia de Mello Canalli</li> <li>Geovane André Teles de Oliveira</li> </ul>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031236</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>385</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>386</b>

## A PAISAGEM AMBIENTAL DE CUBATÃO NAS OBRAS DE NORBERTO STORI

### Romero de Albuquerque Maranhão

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

Programa de Pós Graduação em Educação, Arte e História da Cultura  
São Paulo - SP

### Norberto Stori

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

Programa de Pós Graduação em Educação, Arte e História da Cultura  
São Paulo - SP

**RESUMO:** A paisagem é objeto de interesse de vários campos do conhecimento – filosofia, literatura, pintura, geografia – e isto prova que nela coexistem as dimensões científicas, psicológicas, estéticas, enfim, a objetividade e a subjetividade. No Brasil temos vários artistas que retratam paisagens e estabelecem diálogos com a natureza. Nesta pesquisa vamos explorar as aquarelas do artista Norberto Stori que mostram representações do espaço geográfico, mas sem a pretensão de representar a fauna e a flora ou questões relacionadas ao gênero, porém uma paisagem impactada pela ação humana e que clama por recuperação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poluição; Aquarelas; São Paulo; Interdisciplinaridade.

### THE ENVIRONMENTAL LANDSCAPE OF

### CUBATÃO IN THE WORKS OF NORBERTO STORI

**ABSTRACT:** Landscape is an object of interest from various fields of knowledge - philosophy, literature, painting, geography - and this proves that scientific, psychological, aesthetic dimensions, objectivity and subjectivity coexist in it. In Brazil we have several artists who portray landscapes and establish dialogues with nature. In this research we will explore the watercolors of artist Norberto Stori that show representations of geographical space, but without pretending to represent fauna and flora or gender issues, but a landscape impacted by human action and calling for recovery.

**KEYWORDS:** Pollution; Watercolors; São Paulo; Interdisciplinarity.

### 1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A paisagem é objeto de interesse de vários campos do conhecimento – filosofia, literatura, pintura, história, ecologia, geografia – e isto prova que nela coexistem as dimensões científicas, psicológicas, estéticas, enfim, a objetividade e a subjetividade. No caso específico das obras de arte expressam inúmeras paisagens naturais e/ou construídas pelo homem, assim como culturais.

A pintura, uma vertente artística, destaca-se há vários séculos, pintores internacionais e nacionais retratam por intermédio das telas lugares que fizeram parte de seu convívio, como terra natal, locais visitados pelos mesmos, paisagens idealizadas e reais. Antes, nos séculos XVII e XVIII, as pinturas em tela tinham a função de documentar paisagens para as expedições científicas que percorriam os vastos espaços então ainda inexplorados do país.

O artista holandês Vicent Van Gogh que viveu na França tinha uma particularidade na composição e elaboração de seus trabalhos, para adquirir inspiração deixava a cidade e seguia para ambientes rurais e nativos com a finalidade de retratá-los. A paisagem para Van Gogh passou a constituir um gênero de pintura que informa, prepara o olhar e estabelece valores, julgamentos estéticos sobre a própria paisagem.

No Brasil temos vários artistas que retratam paisagens e estabelecem diálogos com a natureza. Nesta pesquisa vamos explorar o artista Norberto Stori que nasceu em São Joaquim da Barra (1946) e mudou-se para São Paulo na década de 1960. Diversos críticos e artista já falaram muito sobre as criações de Stori. Alguns registram em seus depoimentos que ele reinventou a paisagem, que usa aquarela com técnica de pintura, que trocou o apolíneo pelo dionisíaco, ou que estrutura seu pictorialismo em uma técnica habilmente desenvolvida. As aquarelas do Norberto destacam uma paisagem brasileira, interior, que se encontra tanto na música como nas outras formas artísticas, pois que está mesmo na essência do homem comum, na maneira de se ver e viver o Brasil.

As obras de Stori recuperam, sem dúvida, a tradição dos aquarelistas ingleses dos séculos XVIII e XIX. Existem nelas condutas que nos remetem aos registros topográficos que, principalmente, Girttem e Turner executaram. Porém é em outra tradição, a das aquarelas de paisagens mais imaginativas e poéticas, que Stori aproxima-se dos mundos evocativos pintados à guache por Alexander Cozens, ou dos céus de Padua, aquarelados por seu filho John Robert Cozens.

Confrontar o olhar do artista com a ciência é um desafio, pois tem sido comum, nas últimas décadas, tratar a arte como algo abstrato, sem nexos ou desconexos da realidade, um pensamento ou “*insight*” de um gênio (ENTLER, 2000). Porém, artistas e cientistas ou filósofos naturalistas percebem o mundo da mesma forma, apenas representam-no com linguagens diferentes (REIS *et al.* 2006).

O paisagista olha, observa e registra, tudo o que todos podem ver, mas, principalmente, o que só ele pode ver: a profundidade e a intensidade dos estados de alma. Retratos da natureza e retratos do homem, este fisicamente ausente de sua obra, mas intensamente presente em emoção (GOMES, 2004).

A pesquisa, ora em andamento, constou com visita ao atelier do artista, entrevista e pesquisa bibliográfica e documental, pois alguns documentos do acervo particular do artista foram utilizados e interpretados para tornar compreensível o caminho seguido por Norberto Stori durante sua trajetória.

## 2 | QUEM É O ARTISTA?

Norberto Stori nasceu em São Joaquim da Barra (1946), mudando-se para São Paulo na década de 1960 para continuar seus estudos e dar início a sua carreira como artista. Graduou-se em Desenho e Artes Plásticas pela Faculdade de Comunicações e Artes da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo; obteve os títulos de mestre e doutor em Comunicação e Artes pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e livre-docente em Artes pela UNESP. Realizou dezenas de exposições em museus e galerias do país e exterior. Possui obras em Acervos do Museu Nacional da Aquarela da Cidade do México; Museu de Arte Contemporânea de São Paulo; Museu de Arte Moderna de São Paulo; Museu de Arte do Rio Grande do Sul; Museu da Gravura Brasileira - Bagé/RS; Museu de Arte Contemporânea de Botucatu/SP; Acervo Artístico Cultural do Governo do Estado de São Paulo/SP, dentre outros.

Na década de 1980, ele libertou a emoção e passou a fazer paisagens figurativas de grande poesia, sob o impacto de uma viagem ao pampa – tipo de campo existente no extremo sul do país, formado pelas planuras e amplos horizontes, com céus que se tingem de tonalidades intensas e quase inverossímeis nas horas do amanhecer e do entardecer.

Em 1991, quando da exposição individual em Milão – Itália, no Citibank Consulenza D’Ars, a crítica de arte Angélica de Moraes fez o seguinte texto comentário no convite para a exposição:

“Norberto Stori é um dos mais importantes aquarelistas brasileiros, com uma produção que rivaliza em qualidade a mestres consagrados de gerações anteriores, como Thomas Lanelli e Fayga Ostrower. Como eles, Stori se insere na vertente informal do abstracionismo, aportada no Brasil nos anos 50 junto coma Bienal Internacional de São Paulo e a crescente industrialização do país” (MORAES, 1991).

Norberto ao adotar (e atualizar) o uso da mancha e da gestualidade do abstracionismo informal dos anos de 1950, encontrou a linguagem ideal para expressar sua arte. Ele aprimorou o uso das aquarelas, rompendo com os formatos intimistas. Depois passou a usar folhas de papel cada vez maiores, concluindo que os formatos convencionais estabelecidos pela indústria eram insuficientes para comportar seus projetos. As cores fluidas e luminosas da aquarela tradicional cederam lugar a densas concentrações de pigmento.

Alçando novos voos e com muita ousadia, ele transportou suas aquarelas para telas maiores e, por fim, lançou-se ao uso de papéis de colorido que é impossível manter com eles uma das mais caras tradições da técnica: o uso da luz que vem do fundo, do branco do papel. Todavia, tal audácia também foi inspirada do gênio paisagista inglês Turner e do poderoso expressionista alemão Emil Nolde.



### 3 | UMA LEITURA DE CUBATÃO

No início da década de 1960, Cubatão começou a se industrializar com construções de refinarias, siderurgias, fábricas de fertilizantes e em sua maioria de produtos químicos. Além da invasão das construções no ambiente circundante, fazendo com que em 15 anos cerca de 60 Km<sup>2</sup> de Mata Atlântica sofresse severa degradação, formando uma clareira que podia ser vista por quem descesse a Serra do Mar.

Na década de 1980, o município ficou conhecido como “Vale da Morte”, e considerado pela ONU como o mais poluído do mundo. O *boom* industrial transformou a cidade como sendo um dos polos industriais mais ricos do Brasil, fazendo com isso que pagasse altíssimo preço pela falta de planejamento e preocupação quanto aos danos causados por toneladas de poluentes lançados no meio ambiente.

A enorme quantidade de poluentes lançada no ar, no lençol freático e nos rios de forma descontrolada, começou a provocar conseqüências catastróficas visíveis e preocupantes. O ar de Cubatão no início dos anos 80 era denso, possuía cheiro e cor. Segundo dados da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental de São Paulo, 30 mil toneladas de poluentes eram lançadas por mês no ar da cidade.

A indiferença dos políticos da cidade, do governo estadual, dos empresários e da própria população, que não se preocupavam em reverter a situação, uma vez que a poluição de Cubatão rendia bilhões ao ano, levando a cidade a ser uma das cinco maiores arrecadadoras de impostos do Estado. Na época, o município representava 2% de toda a exportação do país.

Todavia, o Estado só começou a intervir quando os danos à saúde da população começaram a demonstrar números alarmantes. Cubatão era líder em casos de problemas respiratórios no país. Entre outubro de 1981 e abril de 1982, cerca 1.800 crianças nasceram na cidade, destas, 37 mortas, outras apresentavam graves problemas neurológicos e anencefalia.

O ar cinza poluído, as nuvens de fumaças (figura 1), às vezes coloridas, as luzes filtradas, as labaredas de fogo que saíam das chaminés lambendo o espaço em expressivos movimentos, foram estímulos para os gestos e manchas coloridas soltas, criando contrastes cromáticos participativos nas pinturas em aquarela do artista Norberto Stori na série “Cubatão”.



Figura 1: Imagem de Cubatão e da fumaça das chaminés.

Fonte: <http://www.pensamentoverde.com.br/atitude/historia-poluicao-cubatao-cidade-deixou-vale-morte/>.  
Acessada em: 30 de ago. 2018.

Ciente de que a arte é também até certo ponto um simulacro, o artista partiu dos estímulos da paisagem artificial industrial (figura 2) para criar as suas pinturas. Não queria representar o real, mas sim criar paisagens - criar outra realidade.



Figura 2: Imagem de Cubatão e da poluição provoca pelas indústrias.

Fonte: <http://www.pensamentoverde.com.br/atitude/historia-poluicao-cubatao-cidade-deixou-vale-morte/>.  
Acessada em: 30 de ago. 2016

Representar a poluição industrial invadindo e destruindo a paisagem natural, os seres vivos, e neste caso, homens, bichos, vegetação, poluição dos lençóis freáticos, rios, mangues e do ar era uma preocupação ecológica do artista. As paisagens de Norberto são construídas de tons fortes e manchas amplas, espalhadas

com gestos largos (figuras 3 e 4). Ao invés de uma pintura amena, requintada, se expressa pictoricamente com cores vibrantes, fortes, tudo através de manchas, gestos tortuosos, passionais, enraivecido e sentimentalmente comprometido com a ecologia, com o clima de conflito em que se encontrava ao testemunhar a destruição da natureza. Um profundo sentimento de dor.

A cor utilizada, de acordo com Stori, pode ser comparada ao sentimento e à atitude expressionista, tendo o objetivo essencial exteriorizar o que se experimenta no fundo da alma e deforma os elementos da realidade mais para reforçar a expressão dos seus sentimentos do que para responder às exigências de uma especulação pictórica.

Os papéis utilizados para as pinturas da série “Cubatão” não eram mais o de cor branca, mas sim os com cores fortes como: azul, vermelho, marrom, castanho, verde. Logicamente não são papéis apropriados para a aquarela, como o papel Murilo, da fabricação Fabriano.



Figura 3: Aquarela da série Cubatão, medindo 0,70 x 100 cm de 1993. Aquarela s/ papel Fabriano Murilo colorido.

Foto: Norberto Stori.

Para externar sua indignação com a paisagem poluída e degradada o artista utilizou-se de símbolos. Em relação aos símbolos na arte, Kenneth Clark afirma que:

“Toda a arte é, até certo ponto, simbólica, e a prontidão com que aceitamos os símbolos como realidade, depende, de certo modo, da familiaridade. Mas devemos admitir que os símbolos, com os quais a arte medieval representava os objetos naturais, não tinham muita relação com a sua real aparência.” (CLARK; 1956: 20).





Figura 4: Aquarela da série Cubatão, medindo 0,50 x 0,70 cm de 1993. Aquarela s/ papel Fabiano Murilo colorido.

Foto: Norberto Stori.

As aquarelas de Stori representam sua aflição e seus sentimentos em relação ao processo de degradação em curso. Seu olhar, através da arte, apresenta sua indignação à questão predatória da natureza e a simbologia criada era de protesto, de inconformismo, com o desrespeito à destruição da paisagem natural e da vida.

Mesmo utilizando símbolos e criando paisagens simbólicas, Stori se refere a elementos concretos, palpáveis, de denúncia e protesto. As paisagens criadas são o símbolo do caos, da desarmonia e da imperfeição. Não estava preocupado com a representação da paisagem estímulo, mas sim da paisagem agressiva, poluída e insalubre. Os elementos da natureza são os atores principais juntos com os rastros deixados pelo homem como as sugestões de luzes e reflexos da luz urbana.

Com relação à imaginação Fayga Ostrower afirma que:

“[...] a imaginação do pintor consiste em ordenar, ou preordenar – mentalmente – certas possibilidades visuais de concordâncias ou dissonâncias entre cores, de seqüências ou contrastes entre linhas, formas, cores, volumes, de espaços visuais com ritmos e proporção” (OSTROWER, 1977: 35).

Nas obras da série Cubatão, Norberto ressalta que não havia como não há até hoje, o conhecido, o especificado que se possa reconhecer ou identificar um determinado objeto ou lugar. Há referências, sugestões, que dão a liberdade ao fruidor de já ter visto ou vivenciado tal paisagem ou lugar. É um vôo livre. Não buscava o concreto ou o específico. É uma experiência ou um trabalho visionário, são sugestões, conotações.

Essa percepção de Norberto corrobora o que Santos (1997) registrou em relação à paisagem: “A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade” (SANTOS, 1997: 37).

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem produzida por Norberto Stori reflete o processo de degradação da natureza após o período industrial. Com cores fortes e agressivas, o autor, retrata a paisagem de Cubatão modificada pela ação humana. Norberto representou, nas aquarelas da série Cubatão, manchas em aguadas soltas e em movimentos. Não sugerindo a presença de elementos estáticos e sem cores, porque, através da observação percebeu que na paisagem industrial de Cubatão, com suas nuvens de fumaça, havia movimentos e transformações formais, nada estático, organizado. Que um gesto poderia representar uma nuvem de fumaça ou uma labareda de fogo fugindo da chaminé e, que a luz e a cor eram mutantes em fração de segundo. Uma paisagem que se transforma a todo o momento.

#### REFERÊNCIAS

CLARK, K. **Paisagem na Arte**. Lisboa: Ulisseia, 1956.

ENTLER, R. Poéticas do Acaso: Acidentes e encontros na criação artística. **Tese de Doutorado**. Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo, 2000.

GOMES, P. As paisagens de Norberto Stori. **Revista Mackenzie Educação, Arte e História da Cultura**, ano 3/4, 2003/2004, p. 221-222.

MORAES, A. **Norberto Stori** - Acquerelli (Catálogo). Roma: Galleria Cándido Portinari, 1 a 14 ottobre 1991.



OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

REIS, J. C.; GUERRA, A.; BRAGA, M. Ciência e arte: relações improváveis? **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, v. 13, (suplemento), p. 71-87, outubro 2006.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. 4ª Edição. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**DENISE PEREIRA** - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

**MARISTELA CARNEIRO**- Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Administração 3, 6, 26, 42, 50, 56, 57, 58, 59, 65, 66, 67, 70, 73, 74, 76, 80, 82, 102, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 160, 161, 301, 321, 322, 369

África do Sul 148, 149, 150, 151, 154, 155

Arquitetura 32, 143, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Arquivo 1, 21, 26, 27, 29, 30, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 76, 77, 78, 81, 87, 111, 113, 115, 116, 117, 144, 243, 258, 371

Arquivos escolares 107, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116

Arquivos municipais 1

### B

Bens patrimoniais 50, 55, 107, 108

Berçário “Mãe Cristina” 133, 134, 135, 137, 138

Burocracia 8, 65, 70, 80

### C

Cidadania 11, 12, 15, 16, 19, 56, 152, 153

Cidade 1, 5, 8, 12, 13, 14, 16, 21, 26, 35, 40, 41, 42, 56, 68, 77, 78, 80, 84, 85, 86, 87, 91, 93, 95, 96, 98, 102, 106, 109, 111, 114, 120, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 144, 147, 157, 158, 160, 164, 166, 167, 169, 171, 172, 179, 184, 185, 186, 187, 205, 218, 221, 223, 224, 226, 227, 229, 260, 268, 282, 288, 293, 296, 300, 301, 302, 303, 317, 319, 321, 323, 354, 359, 361

Construir 23, 85, 87, 101, 110, 123, 147, 157, 158, 172, 206, 209, 337, 341, 342, 345, 357

Creche 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Cultura 10, 12, 13, 16, 20, 27, 29, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 43, 50, 55, 60, 61, 63, 68, 81, 82, 89, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 108, 112, 113, 115, 117, 120, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 147, 151, 153, 154, 157, 161, 166, 171, 172, 173, 174, 176, 183, 190, 241, 242, 247, 249, 253, 259, 272, 273, 275, 276, 279, 281, 282, 291, 292, 343, 345, 347, 350, 355, 359, 360, 365, 366, 367, 372, 373, 376, 382, 384, 385

Culturas políticas 148, 149, 151, 154, 155

### E

Educação patrimonial 11, 12, 13, 16, 19, 20, 53, 54, 55, 56, 63, 107, 108, 109, 112, 113, 117

Ensino 12, 13, 18, 19, 20, 39, 53, 54, 55, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 111, 112, 131, 133, 137, 138, 140, 141, 147, 261, 270, 356, 368, 370, 371, 372, 374, 375, 379, 380, 381, 385

Ensino de história 12, 18, 19, 20, 53, 54, 97, 102, 105, 261, 270

Ensino primário 65, 66, 69, 80, 82

Estudos africanos 148, 155

Exército brasileiro 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 125, 144, 147

## F

Fiscalização 26, 65, 69, 70, 72, 74, 77, 80

Fontes históricas 6, 11, 17, 18, 20, 67, 113, 115, 318

## G

Grupo escolar 65, 66, 68, 71, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 167

## H

História 2, 3, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 39, 40, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62, 63, 66, 67, 82, 83, 84, 85, 87, 89, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 164, 165, 171, 172, 173, 174, 175, 182, 183, 190, 191, 192, 200, 201, 204, 210, 211, 213, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 239, 240, 242, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 270, 271, 272, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 287, 290, 291, 292, 294, 296, 301, 303, 304, 318, 324, 328, 329, 355, 356, 358, 360, 361, 364, 365, 366, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 376, 377, 379, 381, 382, 383, 384, 385

História da educação 66, 67, 82, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 117, 133, 134, 139

História do tempo presente 148

História militar 141, 142, 143, 144, 147

Historiografia 6, 21, 100, 110, 114, 117, 127, 141, 142, 143, 146, 147, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 280, 281, 282, 290, 292, 294, 336, 339, 376, 383

## I

Identidade 2, 3, 10, 12, 13, 19, 22, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 57, 63, 70, 95, 96, 100, 101, 103, 106, 108, 113, 114, 143, 149, 153, 157, 161, 172, 202, 216, 222, 241, 243, 244, 245, 246, 253, 258, 275, 281, 289, 291, 333, 334, 343, 346, 350, 355, 364, 366, 384

Instituições profissionais 133

Interdisciplinaridade 2, 174, 183

Intervenção 84, 95, 106, 162, 203, 223, 354

## L

Lei 10639/03 97, 98

Luiz Gonzaga 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182

## M

Memória 11, 12, 13, 19, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 82, 84, 85, 87, 93, 95, 96, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 123, 125, 127, 129, 133, 142, 144, 151, 157, 172, 173, 174, 208, 219, 248, 250, 252, 254, 255, 256, 258, 259, 292, 303, 319, 320, 323, 324, 333, 334, 340, 350, 364, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 378

Montes Guararapes 45, 46, 47, 48, 49, 51

Monumento às bandeiras 84, 85, 86, 87, 91, 92, 95, 96

Morar 77, 157, 158, 165, 166, 172, 177

Município 1, 3, 4, 5, 6, 9, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 53, 57, 72, 73, 128, 131, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 160, 162, 186, 273, 274, 275, 361

Música 98, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 182, 184, 216, 219, 225, 243, 244, 245, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 257, 258, 259

## P

Pátio da cruz 84, 85, 90, 93, 94, 95

Patrimônio 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 62, 63, 84, 91, 95, 96, 107, 109, 110, 113, 115, 116, 117, 134, 149, 157, 161, 171, 172, 173, 177, 294, 298, 299, 300, 369, 371

Patrimônio cultural 1, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 30, 41, 49, 52, 54, 63, 96, 109, 113, 149, 157, 172

Patrimônio territorial 1, 3, 4, 5, 7, 9, 21, 22, 24, 25, 26

Potencialidades 23, 32, 40, 41, 44

Presença negra 97, 98, 99, 240

## R

Registros documentais 21

Relações internacionais 148, 149, 150, 155

## S

São Francisco do Sul 1, 9, 10, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 30

Serra Negra do Norte 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44

Sociedade 1, 4, 12, 19, 22, 23, 24, 29, 32, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 66, 67, 68, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 102, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 121, 124, 125, 126, 127, 142, 143, 145, 152, 153, 157, 159, 160, 161, 171, 172, 173, 190, 194, 195, 197, 198, 226, 230, 238, 240, 244, 254, 256, 275, 276, 279, 281, 286, 291, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 301, 302, 303, 318, 320, 321, 322, 323, 333, 346, 347, 355, 361, 365, 368, 372, 373, 374, 378, 381, 382

## T

Trabalhar 42, 63, 79, 100, 101, 123, 127, 137, 157, 158, 160, 165, 166, 172, 177, 279, 307, 308, 361, 362, 369

Turismo sustentável 32, 41

## V

Vigésio Sétimo 27º Grupo de Artilharia de Campanha 141, 142, 144

Vila 1, 5, 8, 21, 26, 41, 160, 168, 283



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-823-6

